

Editorial

Stefan Klein*
& Tânia Mara Campos de Almeida

* Docentes do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília e integrantes da equipe editorial da *Revista Sociedade e Estado*.

Num ano de todo atípico, marcado – entre outras peculiaridades e eventos históricos – pela pandemia do coronavírus, *Sociedade e Estado* publica seu terceiro número do volume 35 com ampla gama de temáticas caras às ciências sociais, incluindo uma contribuição ao debate em torno dos efeitos da pandemia. As perspectivas editoriais para os próximos anos são um tanto quanto incertas, haja vista as pressões e expectativas em torno de uma maior internacionalização – que, como é corrente na dinâmica da globalização excludente, implica fundamentalmente a publicação mais frequente em língua inglesa, sem atentar à diversidade idiomática que poderia ser contemplada – e, igualmente, da adoção de padrões e possibilidades relacionadas à ciência aberta, que enxergamos como bem-vindas. Diversos dos elementos ainda serão, decerto, objeto de debate e controvérsia, e o andar das edições deverá mostrar que caminho tomaram como consequência de possíveis concepções divergentes.

Não obstante a miríade de recortes e propostas trazidas nesta edição, há uma ênfase sobre as questões ligadas ao trabalho, expressas sob prismas teóricos e com objetos empíricos variados. O número abre com o dossiê “Multiplicidade de interpretações do capitalismo contemporâneo”, cuja organização ficou sob a responsabilidade de Fabrício Maciel e Patrícia Mattos. Logo após a apresentação dos organizadores, tem-se a tradução de um importante trabalho de Klaus Dörre, “Capitalismo de risco. *Landnahme*, crise bifurcada, pandemia: chance para uma revolução sustentável?” Este trabalho encontra-se na versão da *Sociedade e Estado* disponível no SEER da UnB – <<https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/index>>, onde também estarão, exclusivamente, as demais traduções publicadas a partir de 2020. Por isso, a paginação dessa tradução e do presente editorial receberam algarismos romanos, destoando do restante do volume 35 número 3.

O primeiro artigo do referido dossiê, intitulado “Capitalism and inequality”, de Boike Rehbein, busca tratar de algumas dimensões da desigualdade sob a égide do capitalismo. O autor, referência nesse debate, apresenta, assim, uma reflexão teórica bem embasada acerca dessa tão relevante temática. Ao enfatizar a centralidade dos temas da classe e da desigualdade, ele atualiza o diagnóstico acerca de como se dá a produção de desigualdade no capitalismo contemporâneo.

A seguir, Josué Pereira da Silva, em “Do tempo escolhido aos fins do sono: tempo de trabalho e renda básica no capitalismo tardio”, discute os ditames de como o capitalismo pressiona os usos do tempo e interfere, assim, sobre o cotidiano e a vida das pessoas. Acaba, desse modo, apresentando um balanço da literatura desde os anos 1970 e, em particular, olha para os efeitos das recorrentes medidas de desregulamentação das relações de trabalho, notadamente no contexto recente do Brasil. A análise proposta se vincula, igualmente, a fundamentar a relevância de se pensar programas de renda básica diante desse cenário.

No artigo “Trabalho decente no capitalismo contemporâneo: dignidade e reconhecimento no microtrabalho por plataformas”, Cinara Rosenfield e Thays Wolfarth Mossi debatem o atualíssimo tema do capitalismo de plataformas, delineando uma instigante reflexão ao confrontarem as ideias de relatório do Bureau Internacional do Trabalho visando tornar o microtrabalho mais justo com a concepção de trabalho decente da Organização Internacional do Trabalho. Enfatizam assim, em particular, a dimensão do reconhecimento como vital para que se consiga, efetivamente, garantir alguma decência para o trabalho nesse novo contexto.

Jacob Carlos Lima, em “A globalização periférica e a ressignificação dos lugares”, parte de uma análise empírica voltada ao Brasil, em particular ao Nordeste, para pensar aspectos envolvendo maneiras por meio das quais as diferentes reconfigurações industriais detêm uma dinâmica de desterritorialização, e estabelecer os elos com a interpretação teórica. O foco do autor são três setores da industrialização no Brasil, representando as áreas arraigadas bem como desdobramentos do século XX e da passagem ao XXI, a saber, as indústrias têxtil, de software e automotiva. É central em seu argumento atentar às formas de integração aos fluxos globais de acumulação permitindo, assim, problematizar os termos em que se dá a pluralidade das globalizações.

A reflexão trazida por Thomas Kühn, Daniela Gomes Alcoforado e Miriam Leite Farias em “New Normalcy? Consumption and identity between reproduction of social inequalities and social transformation in Brazil”, busca apresentar, dialogando com a teoria crítica psicanalítica, alguns resultados quanto aos efeitos que o contexto pandêmico produziu sobre as formas de consumo e identidade no Brasil. Ao recorrerem a entrevistas realizadas de maneira remota, buscam apontar, em particular, as maneiras por meio das quais ocorrem impactos sobre a reprodução de desigualdades e as possibilidades – mesmo que tímidas – de promover alguma transformação social, notando o reforço da polarização no conflito entre a conscientização sobre as formas de consumo e as imposições do contexto de isolamento.

Maria Francisca Pinheiro Coelho, em “Hannah Arendt e Walter Benjamin: Eros da amizade e afinidades eletivas em tempos sombrios”, aborda a relação de entrelaçamento de Arendt e Benjamin a partir, de um lado, da proximidade pessoal entre ambos e do papel que a concepção de amizade detinha em sua relação e, de outro, tomando por base as interpretações que nos legaram acerca da história e da modernidade. Mobiliza, para tanto, o conceito de afinidades eletivas, e encerra o texto reproduzindo uma breve entrevista com o professor Erdmut Wizisla.

Como indicado pelo título “Por um modelo nacional de prevenção do trabalho escravo? Desafios e conflitos na nacionalização do projeto Ação Integrada”, Patricia Trindade Maranhão Costa pensa a relação entre uma análise sociológica e as possibilidades político-práticas de enfrentamento ao trabalho escravo ou análogo à escravidão. O recorte empírico proposto é voltado ao projeto Ação Integrada, criado no Mato Grosso, em 2008, sendo que a autora dirige o seu olhar especificamente à nacionalização dele entre 2014 e 2018, observando os desafios e potenciais que acompanham os seus objetivos.

No texto “Legislando sobre o esporte: as comissões permanentes da Câmara dos Deputados em foco”, Mariana Zuaneti Martins e Vitor Vasquez se dedicam a um tema que, quando considerado o imaginário da identidade e cultura nacionais, paradoxalmente recebe relativamente pouca atenção nas ciências sociais brasileiras, a saber, a formulação de política públicas envolvendo o esporte. Em particular buscam suprir uma lacuna, na medida em que os estudos nessa área tendem a privilegiar o executivo, e voltam sua análise à atuação do legislativo, em particular visando as transformações que ocorreram no âmbito da realização dos megaeventos esportivos no Brasil a partir de 2014.

No artigo “Expectativas desencaixadas: o problema da construção da autolegitimidade entre policiais militares”, Bruna Gisi e Giane Silvestre focam a temática da violência, que é sempre marcante na revista, voltando-se a olhar o lado das forças policiais. Por meio de uma pesquisa qualitativa, a partir de entrevistas em profundidade, investigaram as dificuldades e contradições postas a praças da Polícia Militar do Estado de São Paulo no que diz respeito ao processo dialógico, no contato cotidiano junto à comunidade em que atuam, em particular no que diz respeito ao lugar e respeito à autoridade que fundamenta esse trabalho.

O trabalho “El *storytelling* de la campaña presidencial portuguesa de 2016. Rebelo de Sousa vs. Sampaio da Nóvoa”, escrito por Jaime López Díez e Jorge Verissimo, mobiliza a perspectiva do *storytelling* – isto é, da narrativa – a fim de construir

como se deram os embates da campanha presidencial na eleição de 2016 em Portugal, tendo como principais candidatos Marcelo Rebelo de Sousa – que se tornou o presidente eleito em primeiro turno, com mais de metade dos votos – e António Sampaio da Nóvoa. Fundamentalmente os achados apontam a importância da figura do herói na narrativa de Rebelo de Sousa contra o lugar central do vilão na de Sampaio da Nóvoa.

Nicolás Aguilar-Forero e Gary Cifuentes, em seu texto “Rastreado ensamblajes y controversias en un ecosistema”, delineiam uma análise crítica do ecossistema de inovação educacional posto na cidade de Bogotá, Colômbia, focando sobre as montagens (*ensamblajes*) que lhe estão subjacentes. Ao recorrerem às teorias da tradução e do ator-rede, identificam obstáculos e certa fragilidade nessa noção de ecossistema, notadamente no que concerne ao papel fundamental exercido por atores-chave nesse processo e que acaba sendo negligenciado em seu desenho. Contribuem, assim, para questionar uma noção universalizante que deixa de considerar adequadamente as especificidades de contextos locais e sua constituição das relações educacionais.

No último artigo deste número, “Graciliano Ramos e a roda de Maceió”, Wellington Pascoal de Mendonça recorre aos desenhos teóricos propostos por Antônio Candido e Pierre Bourdieu a fim de analisar o campo literário brasileiro nos anos 1930 e 1940, com o foco sobre o lugar da figura de Graciliano Ramos e, em particular, de suas relações com a roda de Maceió. O vasto material empírico perscrutado pelo autor, incluindo documentos de arquivo de difícil acesso, permitiu investigar a variedade de laços constitutivos tanto de elementos biográficos quanto, assim, da produção literária de Graciliano, estabelecendo formas de estímulo mútuo entre as personagens e as práticas daquele contexto.

Este número traz, ainda, três resenhas: uma da obra *Postcolonial thought and social theory* (2016), de Julian Go, escrita por Lucas Amaral de Oliveira, que se encontra também na plataforma SciELO – <<https://www.scielo.br/pdf/se/v35n3/0102-6992-se-35-03-983.pdf>>. As demais resenhas, por apresentarem perfil menos abrangente em termos da inserção das obras referenciadas em seu campo de debates, estão apenas neste site da UnB. Trata-se da resenha a respeito da obra *Process Tracing nas ciências sociais: fundamentos e aplicabilidade* (2018), de Eleonora Schettini Martins Cunha e Carmem Emmanuely Leitão Araújo, sendo José Roberto Abreu de Carvalho Junior e Magnus Luiz Emmendoerfer seus autores. A terceira resenha, escrita por Paulo César Batista, é sobre a coletânea *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos – análises conjunturais* (2018), organizada por Ronaldo de Almeida e Rodrigo Toniol.

Por fim, nas últimas páginas, o/a leitor/a encontrará os resumos de dissertações e teses defendidas no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UnB, os quais permitem vislumbrar um apanhado da recente produção acadêmica dos/as estudantes do PPGSOL/UnB e seus/suas orientadores/as.

Ficamos na torcida, junto a todas as leitoras e todos os leitores, que 2021 nos traga ventos mais favoráveis, tanto em termos de saúde quanto intelectual e politicamente, e desejamos boa leitura.

